

PRÁTICAS DE LEITURAS NO ENSINO INTERCULTURAL DE *MONICA'S GANG*

Jamile de Oliveira Silva¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma perspectiva possível na práxis pedagógica por meio da análise do discurso (formações discursivas) e do letramento, tomando a noção de interculturalidade presente nas tirinhas da *Turma da Mônica (Monica's Gang)* como um possível instrumento pedagógico, diante de um contexto de ensino aprendizagem que historicamente impõe sérias "limitações" no que se refere a uma educação crítico-reflexiva. Nesse sentido, as reflexões aqui apresentadas assinalam como as dimensões interculturais nas formações discursivas encontradas na *Turma da Mônica* podem proporcionar uma análise crítica dos contextos em que estão inseridos os falantes de inglês como língua estrangeira, com base nos discursos presentes em tirinhas da *Turma da Mônica (na versão inglesa)*. O trabalho foi desenvolvido através de um estudo de caráter bibliográfico utilizando o suporte teórico de Rajagopalan (2006), PCNLE (1999), Street (1993), Kleiman (2005), Orlandi (2012), apontando os conceitos de ensino de língua estrangeira, letramento e textualidade além, da necessidade de analisar textos em sala de aula. A análise nos permitiu fazermos levantamentos de mitos e preconceitos existentes na nossa cultura promovendo uma reflexão acerca do modo como a nossa sociedade vem sendo estabelecida e, quais atitudes são necessárias para que a mudança na aprendizagem de língua inglesa ocorra gradativamente enquanto, cidadãos e formadores de opinião.

Palavras-Chave: Interculturalidade. Letramento. Formações discursivas. Turma da Monica. Língua Inglesa.

¹ Mestre em Crítica Cultural (UNEB/Campus II). Professora Auxiliar do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas (UNEB/Campus II). Endereço eletrônico: jamile.oliveirasilva@gmail.com.

READING PRACTICES IN MONICA'S GANG INTERCULTURAL EDUCATION

Abstract: This paper proposes a possible perspective in the pedagogical praxis through the analysis of the discourse (discursive formations) and literacy, taking the notion of interculturality present in the comic strips of Turma da Mônica (Monica's Gang) as a possible pedagogical instrument in the context of a teaching-learning context that historically imposes serious "limitations" with regard to critical-reflective education. In this sense, the reflections presented here point out how the intercultural dimensions in the discursive formations found in Turma da Mônica can provide a critical analysis of the contexts in which English speakers as a foreign language are inserted, based on the speeches present in Turma da Mônica comic strips. (in the English version). The work was developed through a bibliographic study using the theoretical support of Rajagopalan (2006), PCNLE (1999), Street (1993), Kleiman (2005), Orlandi (2012), pointing out the concepts of foreign language teaching, literacy and textuality, besides the need to analyze texts in the classroom. The analysis allowed us to survey myths and prejudices that exist in our culture, promoting a reflection on the way our society has been established and, what attitudes are necessary for the change in English language learning to occur gradually, as citizens and trainers of opinion.

Keywords: Interculturality. Literacy. Discursive formations. Monica's Gang. English language.

Introdução

Ser professor de língua estrangeira tem se tornado uma tarefa cada vez mais complexa pois, conscientizar ou convencer o estudante, pautando-se apenas em argumentos utilitaristas como de que aprender uma língua estrangeira só

trará benefícios para ele, especialmente, no futuro seja, para a aprovação no vestibular, uma entrevista de emprego, não tem sido aparentemente uma tarefa fácil bem-sucedida. Professores têm utilizado argumentos respaldados em autores como Rajagopalan (2006), com a intenção de cativar o alunado demonstrando o lado interessante de aprender uma língua, especialmente, quando se trata de um, que esteja em evidência ou exerça uma função de destaque, como o inglês. Neste caso, um dos critérios de debate do autor é o *status* e o prestígio que a língua carrega, característico de países hegemônicos.

No entanto, a discussão levantada neste trabalho está direcionada ao ensino da língua inglesa para estudantes brasileiros, que constantemente, dizem não compreenderem o porquê estudar uma L.E e nem como utilizá-la. Como podemos facilitar a aprendizagem da língua inglesa associada à cultura? A pesquisa se justifica pela necessidade de discutirmos temas transversais interculturalmente, com estudantes falantes do inglês como língua estrangeira, com a finalidade de desenvolvermos a criticidade dos mesmos, no que diz respeito, a aprendizagem da língua inglesa.

Para tanto, utilizamos tirinhas da revista *Turma da Mônica* na versão da língua inglesa, *Monica's Gang* — por se tratar de um material atual, acessível e que aborda de forma sutil temas cotidianos, presentes em diferentes culturas, podem ser percebidas, por estudantes falantes do inglês como língua estrangeira. Assim, nos possibilitará relacionar as características interculturais presentes nas mesmas, tornando a aprendizagem da língua inglesa mais significativa.

Os PCNs de Língua Inglesa (1999), documento oficial norteador para o ensino do inglês nas escolas regulares do Brasil, sugerem que os textos façam parte do processo de aprendizagem dos estudantes, com o intuito de ensinar a Língua Estrangeira através de contexto, formando assim,

sujeitos autônomos da própria aprendizagem. No entanto, não dispomos de muitos materiais didáticos direcionados às necessidades desse público, uma vez que os livros didáticos utilizados no Brasil não costumam apresentar os diferentes países (economicamente menores), que possuem a língua inglesa como primeira língua materna, excluindo a pluralidade e diversidade linguística de uma mesma língua falada de diferentes formas em diferentes lugares do mundo. Desta forma, cria-se um empasse no que diz respeito à aprendizagem de uma língua que não é falada cotidianamente no Brasil. Logo, a Turma da Mônica na versão inglesa foi utilizada com o intuito de aproximar as diferentes culturas e especialmente, a nossa através, dos discursos incutidos nas tirinhas.

O presente trabalho tornou-se pertinente ao vislumbrar “uma perspectiva possível” na práxis pedagógica por meio da Análise do discurso (formações discursivas), assim como, do letramento, ao optarmos por discutir a interculturalidade presente nas tirinhas da *Turma da Mônica (Monica’s Gang)*, uma vez que, buscou-se desdobrar um modelo de ensino; o qual vem apresentando “limitações”, no que se refere a um ensino/aprendizagem de línguas pautado em uma abordagem crítico-reflexiva. Portanto, questionou-se aqui se o estudo acerca da interculturalidade nas formações discursivas da *Turma da Mônica* poderia proporcionar uma análise crítica dos contextos, em que estão inseridos os aprendizes de inglês como Língua estrangeira, com base nos discursos presentes em tirinhas da *Turma da Mônica (na versão inglesa)*.

O trabalho foi desenvolvido através de um estudo de caráter bibliográfico utilizando o suporte teórico de Rajagopalan (2006), PCNLE (1999), no que diz respeito ao ensino da Língua Inglesa, Street (1993), Kleiman (2005) na categoria Letramento e textualidade e Orlandi (2012), apontando a necessidade de analisar textos criticamente. A análise permi-

te fazermos levantamentos de mitos e preconceitos existentes na nossa cultura promovendo uma reflexão acerca do modo como a nossa sociedade vem sendo estabelecida e quais atitudes são necessárias para que a mudança na aprendizagem de língua inglesa ocorra gradativamente enquanto, cidadãos e formadores de opinião.

Interpretando as Formações Discursivas

Mesmo tendo mais de 50 anos de publicação de diversas histórias isoladas, a *Turma da Mônica*, criada pelo cartunista Maurício de Sousa, pode ser considerada hoje, como a história em quadrinhos brasileira mais publicada no mundo, “graças à sua tradução para 14 idiomas e presença em mais de 50 países” (CAMPOS, 2013, p. 15). A revista possui personagens como: Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão, etc., que alternam a posição de protagonistas. As personagens Mônica, Magali e Maria Cascuda foram criadas com base nas filhas do autor. A *Turma da Mônica* é uma revista popular, e parte do público-alvo é composta por crianças e adolescentes.

As versões de *Turma da Mônica* em línguas estrangeiras surgiram no início do século XXI, com o advento da globalização. Segundo Ortiz (2006, p. 17):

A globalização declina-se preferencialmente em inglês [...], preferencialmente, pois a presença de outros idiomas é constitutiva de nossa contemporaneidade, mesmo assim, uma única língua, entre tantas, detém uma posição privilegiada.

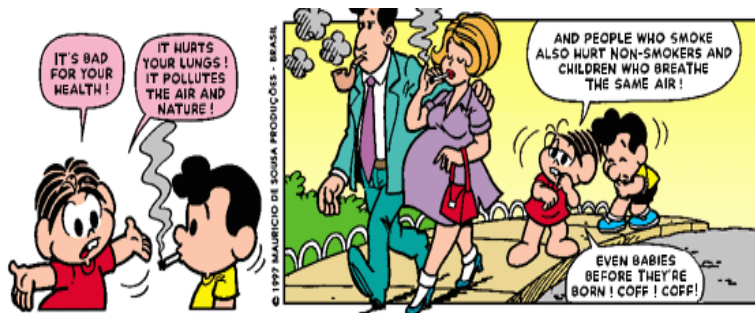
O autor Maurício de Souza aproveita o *boom* na economia brasileira, o qual fez a classe C do Brasil poder sair do país, juntamente, ao crescimento de incentivos ao aprendizado de inglês em cursos livres de idiomas e cursos de intercâmbio cultural, para apostar no sucesso da versão em língua

inglesa de sua obra-prima, mesmo quando o cenário mundial se encontrava abalado pelos atentados às Torres Gêmeas, em setembro de 2001.

Os efeitos de sentidos dos discursos, segundo Orlandi (2003), dependem das correntes ideológicas que nos cercam, ou seja, a forma como os sujeitos compreenderão os discursos, sofrerão variações de acordo, com as experiências obtidas. Os conceitos da análise do discurso de linha francesa nos servem neste caso, como suporte para expor temas transversais, direcionados aos estudantes/leitores do inglês como língua estrangeira, tornando possível desenvolvermos a criticidade através de tirinhas da revista *Turma da Mônica*. Por se tratar de um material atual, acessível e que aborda de forma sutil temas cotidianos além, de ter sido utilizado como recurso propulsor de leitura para a autora do texto durante a infância e adolescência.

A análise nos permitiu fazermos levantamentos de mitos e preconceitos existentes na nossa cultura promovendo, uma reflexão acerca do modo como a nossa sociedade vem sendo estabelecida e quais atitudes são necessárias para que a mudança ocorra gradativamente.

Vejamos na tirinha a seguir:



Legenda da tirinha 1: Isto é ruim para a sua saúde! Isto prejudica os seus pulmões! Polui o ar e a natureza! E os fumantes prejudicam os não fumantes que respiram o mesmo ar! Além, dos bebês que ainda não nasceram! Coff! Coff! (Tradução própria)

Na tirinha torna-se possível elencar critérios para discutirmos numa aula de língua estrangeira. Poderíamos começar pelas estratégias de leitura, por exemplo. A partir, da observação da imagem conseguimos realçar a estratégia conhecida como *prediction* que significa predizer algo, ou seja, o professor munido deste recurso autoexplicativo, pode perguntar aos estudantes, qual temática eles acham que está sendo discutida neste recorte. A leitura dos diálogos funcionaria como um reforço, do que foi questionado anteriormente. No momento seguinte, a partir desta imagem, o professor pode perguntar os prós e contras de fumar, quem pode e onde é permitido fumar (levando em consideração, que já existem lugares públicos em que proibem o fumo).

Todavia, ao citarmos uma mensagem sobre o tabagismo (Formação Ideológica), criamos um ambiente de controvérsias e debates, pois, há quem defenda o cigarro, com o intuito de obter lucro (FD1), existe o público que enxerga o lado “bom” da existência deste utensílio, como uma forma de relaxamento e prazer (FD2) e, há quem enfatize os malefícios provocados pelo mesmo, geralmente, representado por profissionais da saúde e, por pessoas que convivem indiretamente com o cigarro, os chamados fumantes passivos. (FD3).

É importante salientar que a opinião funciona como a validação das referências ideológicas, à qual somos expostos cotidianamente, e o reflexo das mesmas, constituem as formações discursivas, que nos representam (ORLANDI, 2012, p. 24). Assim, faz-se necessário informarmos que estas são algumas possibilidades de FDs direcionadas a quaisquer temas.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra (ORLANDI, 2003, p. 43-44).

Considerando a imagem é plausível notarmos, que as FD2 e FD3 estão explícitas. Ainda, podemos observar atitudes consideradas “incorretas”, como: a criança, a gestante e o respectivo marido estão fumando. Dependendo da formação discursiva que nos representa, torna-se possível, especularmos tamanha irresponsabilidade pois, em teoria, o cigarro só deve ser vendido para maiores de idade e, a gestante não deveria ser fumante já que a atitude dela poderá trazer efeitos colaterais para o bebê.

O tabaco foi utilizado no Brasil inicialmente, pelos índios. (PENTEADO; DANTAS, 2015, p. 2), ou seja, trata-se de uma característica cultural. Mesmo, diante das propagandas e declarações acerca dos problemas provocados pelo tabagismo, este é um hábito ainda muito comum. Fazendo-se indispensável, mantermos o diálogo para que as futuras gerações diminuam o interesse por algo que pode levá-los à morte.

Vejamos a próxima tirinha:



Nesta tirinha, ao ser trabalhada em sala de aula, a professora de língua inglesa poderia iniciar o processo de interpretação novamente pelas imagens. Questionar aos estudantes o que eles veem e se consideram uma situação comum atentando, para as expressões faciais dos personagens. Como elas podem ser interpretadas? A partir das possíveis respostas, os debates acerca da temática serão levantados.

A tirinha explicitamente retrata outro tema que tem ganhado manchetes e gerado discussões constantemente: o sexismo, como formação ideológica (FI). Desde a infância, as meninas são educadas para serem donas de casa, boas mães e esposas (FD₁). Em contrapartida, os meninos ouvem durante toda a vida que não devem lavar pratos ou, fazer atividades domésticas pois, são eles que trarão o dinheiro para casa, garantindo, o sustento da família (FD₂).

Com o passar dos anos, os protestos femininos por igualdade social têm crescido exponencialmente. As mulhe-

res têm conseguido espaço no mercado ainda timidamente, no entanto, apesar delas ocuparem as mesmas funções que os homens, estudarem tanto quanto eles, ainda é recorrente a discriminação seja por gênero, faixa salarial, etc.

Os meios tradicionais de sustento de uma família e a realização profissional e pessoal da humanidade no século XXI têm sofrido mutações diárias e cada vez mais frequentes e constantes. As famílias de média e baixa renda têm a necessidade de ter tanto o homem quanto a mulher no mercado de trabalho para aumentar a renda familiar, que mesmo assim, em vários casos não é suficiente (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014, p. 2)

Tornou-se um hábito o comentário preconceituoso: “lugar de mulher é na cozinha”, como se, o fato de o sujeito ser do gênero feminino, o tornasse inferior aos representantes do gênero masculino. Historicamente, as mulheres só ocupavam funções com resquícios do ser mãe e dona do lar. Na sociedade contemporânea, é possível visualizarmos mulheres em trabalhos considerados pejorativamente de masculinos, como na construção civil, taxista, etc. Mesmo demonstrando capacidade intelectual e física, os empregadores consideram “prejuízo” manter mulheres nas empresas, devido as TPMs, licença maternidade, etc. (ANKER; DEGRAFF, 2004, p. 5).

Temos vivido em uma era em que não cabe mais estabelecer lugares e posições a serem ocupadas por cada gênero. As crianças precisam aprender que não há diferença na forma como devemos nos vestir e/ou agir. Temos o direito de ir e vir, portanto, a igualdade deve ser para todos. Afinal, está na constituição brasileira, mas infelizmente, na prática não funciona como está escrito no documento supracitado, por se tratar de um recurso interpretativo.

Na condição de estudante do componente Políticas de Letramento lecionado no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, não poderia deixar de inserir o letramento em uma perspectiva de diversidade e plural neste processo de interpretação de tirinhas, com o intuito, de discutir tópicos culturais do Brasil na perspectiva de estudantes de inglês como língua estrangeira, visto que, pensar nos hábitos e modos de agir de outra cultura não é um papel simples. Não basta compreendermos apenas características superficiais, todavia, este processo de aprendizagem também exige do estudante especialmente, o domínio do signo linguístico, no entanto, discorrer do ensino de Língua inglesa no Brasil ainda é uma temática muito fragilizada.

Kleiman (2014), no texto Letramento e contemporaneidade, postula que como professores precisamos explorar os conhecimentos trazidos pelos estudantes e não devemos desconsiderar a cultura que intrinsecamente se apresenta com eles. As demandas da sala de aula vêm mudando constantemente, mas quando nos referimos ao ensino de língua inglesa temos a impressão de que quase nada mudou. Ainda, na condição de professores de L.E. (língua estrangeira) na educação básica temos insistido em manter as aulas direcionadas apenas, ao código linguístico desconsiderando, as relações que ocorrem durante o processo de aprendizagem. Assim, Kleiman (2014) afirma:

[...] Conceitos cristalizados sobre currículos, programas e métodos, por melhores que sejam, não dão conta de toda a necessidade do ensino e da aprendizagem, e muitas vezes deturpam a nossa compreensão da escola e do letramento escolar. O professor na contemporaneidade conhece os saberes e as capacidades de seus alunos e é capaz de desenvolver estratégias para resgatar alguns desses saberes, conhecimentos e práticas, a fim de usá-los

na construção de práticas letradas importantes para a vida social.

Kleiman assinala a insatisfação com as práticas pedagógicas dos profissionais de educação chamando os docentes para o enfrentamento das suas realidades, destacando a necessidade de adaptar as teorias que foram aprendidas no seu processo inicial de formação como professor, visto que, esta formação continua ocorrendo ao selecionar os recursos, critérios de ensinar e avaliar, dentre outros aspectos, ainda segundo a autora:

Se é exigido da escola que forme sujeitos autônomos e emancipados e não autômatos, o ensino superior deve também formar professores que não se limitem a 'aplicar' teorias impostas pela academia, mas que as entendam não como comandos para ação imediata, mas como, na descrição de Bakhtin (1986, p. 69), "gêneros da complexa comunicação cultural"¹⁷, a serem refletidos e, após reflexão, relacionados — complementados, polemizados, transformados — com outros gêneros do discurso pedagógico. E para isso, tal como o professor em relação ao seu aluno na escola, o formador universitário deve tomar o aluno do curso de formação como um participante real na situação comunicativa.

A autora elucida as práticas mais comuns pelas quais muitas vezes os problemas são iniciados no processo de formação inicial, ou seja, na graduação. O professor muitas vezes não é preparado para lidar com as adversidades da sala de aula, por vezes, desconsiderando características que soariam pertinentes para reflexões e mudanças de atitudes, seja por parte dos alunos como deles mesmos. No entanto, não podemos responsabilizar apenas o professor pelas situações cotidianas da sala de aula. Sabemos, que existem problemas crônicos nas instituições educacionais que não cabem apenas

ao professor solucionar o problema além, da resistência de alguns estudantes em estudar uma língua estrangeira, como foi comentado no início deste texto.

Street (1993), um dos estudiosos mais conhecidos da contemporaneidade acerca do letramento, reforça a necessidade do presente trabalho trazer conceitos desta temática, com o intuito de gerar uma reflexão em que possamos ponderar, afastar e aproximar as nossas práticas do que o autor propõe:

[...] o letramento está sendo transferido de uma cultura diferente, de modo que aqueles que o recebem terão mais consciência da natureza e do poder dessa cultura do que dos meros aspectos técnicos da leitura e da escrita [...] também pode ser chamado de "letramento colonial (STREET, 1993, p. 45).

Portanto, ao trazermos o estudo dos discursos e aspectos culturais da nossa cultura em outra língua, o modo, como nos apropriamos da própria cultura permite-nos, que nos enxerguemos em determinados contextos ou, que percebamos no meio em que vivemos, pessoas que agem de determinadas maneiras apresentadas nas tirinhas. Ressignificando então, a maneira como nos vemos dentro daquela sociedade. Outro aspecto que precisamos assinalar é a falsa ideia de que os estudantes chegam até a escola desprovidos de qualquer forma de conhecimentos.

Para tal explicação, torna-se necessário apresentarmos a diferença entre eventos e práticas de letramento defendido por Street (1993), pois antes de termos acesso aos textos de estudiosos dos Letramentos, esta corrente era interpretada como algo muito simples: processo de leitura e escrita. Todavia, este equívoco pode ser elucidado através deste texto assim como, de tantos outros. Segundo Street (1993), as

práticas de letramento englobam os eventos de letramento, que dizem respeito a estar inserido em um contexto e, busca compreender aspectos sobre determinado conteúdo ou temática. Já as práticas de letramento exprimem reações culturais e sociais voltados à uma população ou determinado grupo.

Ainda nesta perspectiva de compreender o letramento na prática, Street (1993) faz a distinção entre sujeitos letrados e iletrados. Para ele, supõe-se que os indivíduos pertencentes à categoria iletrada se refiram a pessoas consideradas analfabetas, mas engana-se quem interpreta desta forma pois, na verdade, o sujeito iletrado nada mais é do que alguém que têm conhecimentos diversos, mas não conseguem “pensar fora da caixa”, não desenvolvem questionamentos acerca de um assunto. Em contrapartida, as pessoas letradas são consideradas independentes intelectualmente. Conseguem fazer discussões profundas sobre determinado assunto e até mesmo apresentar possíveis soluções.

Considerações finais

O presente trabalho apresentou uma proposição crítica de trabalho a partir do contexto cultural e social dos estudantes brasileiros de língua estrangeira-inglês, sob a perspectiva das tirinhas da revista na versão inglesa da Turma da Mônica (*Monica's Gang*), seja como estratégias de leitura ou o processo de análise dos discursos percebendo os sentidos implícitos e explícitos, que estão nas tirinhas apresentadas. Tais análises podem levar os leitores a se perceberem em um processo de formação letrada visto que, através desta ótica supõe-se, seja possível tornar os nossos estudantes mais sociáveis e atentos aos modos como se expressam e como percebem o outro na nossa cultura. Ademais, foi possível apresentar ao aprendiz a sua cultura em outro código lingüístico.

tico levando-o a utilizar estratégias de compreensão tanto pelas imagens quanto pela linguagem verbal constituída dos quadrinhos.

Por fim, cabe ressaltar que a exígua carga horária das aulas de línguas estrangeiras nas escolas regulares ainda não é ideal, para conseguirmos obter melhores resultados de aprendizagem, mas, reforçando o ponto de vista de Kleiman (2014), o professor não pode se permitir enfraquecer diante dos objetivos que não são alcançados. Pelo contrário, as derrotas precisam ser analisadas, no que diz respeito a razão de não ter dado certo e, como podemos adaptar essa situação posteriormente, com novos interesses, que beneficiem a formação dos nossos estudantes como cidadãos atuantes e letrados. Afinal, tratando-se de subjetividades, as aprendizagens podem ocorrer de múltiplas formas e significados.

Referências

CAMPOS, Jucimara Sobreira. *Diferenças Culturais na Tradução de A Turma da Mônica*. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Tradução) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KLEIMAN, Angela B. Letramento na contemporaneidade. In: Bakhtiniana, *Rev. Estud. Discurso*. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens códigos e suas tecnologias. PCN*. Ensino Médio. Brasília/DF: MEC — Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagem_02.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2016.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORTIZ, R. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo, Brasiliense, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 149-166.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia, na educação*. /Brian V. Street; tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 978-85-7934-078-9.

Revista eletrônica:

BAYLÃO, André Luís da Silva, SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro. IN: XI SE-GeT — *Simpósio de excelência em gestão e tecnologia*, Rio de Janeiro- RJ.

DEGRAFF, Deborah S., ANKER, Richard. Gênero, mercados de trabalho e o trabalho das mulheres. IN: *Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. UFMG, Belo Horizonte-MG, 2004.

PENTEADO, Laiane, DANTAS, Jonathan dos Santos. Os desafios para a diversificação das áreas de produção de fumo no Brasil. IN: *XI Encontro Nacional da Anpege. A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*. ISSN: 21758875, Presidente Prudente-SP, 2015.

[Recebido: 1 jul. 2020 — Aceito: 15 ago. 2020]